

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº62 - AGOSTO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME IV
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História

ARNEIDE CEMIN - Antropologia

ARTUR MORETTI - Física

CELSO FERRAREZI - Letras

FABÍOLA LINS CALDAS - História

JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia

MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação

MARIO COZZUOL - Biologia

MIGUEL NENEVÉ - Letras

VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

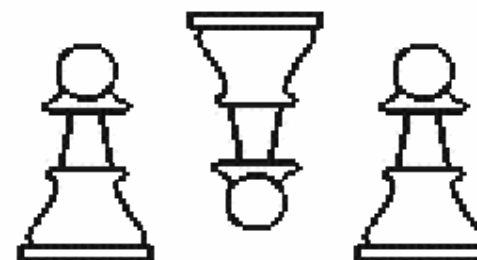
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

62



O DESAFIO DE ENSINAR

ANDRÉ DE ARAUJO NEVES



A escola é o espaço social que tem como função específica possibilitar aos educandos a apropriação de conhecimentos científicos, filosóficos, matemáticos etc., sistematizados ao longo da história da humanidade, bem como estimular a produção de um *novo* saber, que possa ajudar na luta por mudanças nas injustas relações sociais presentes em nossa sociedade. Por isso, faz-se necessária a compreensão dos problemas que permeiam e envolvem a prática docente hoje, com a intenção de superá-los. A escola só torna-se democrática na medida em que colabora para a formação de sujeitos críticos e conscientes, voltados para a transformação social.

Entende-se que o conhecimento de um modo geral acontece na interação constante entre o aluno e o objeto a ser conhecido, tendo o professor como mediador neste processo. O docente precisa, entretanto, contextualizar a sua prática de ensino, considerando o discente um sujeito concreto historicamente situado, com uma identidade que, além de individual, é também coletiva e que o liga a sua origem de classe. (BERNARD & ÁVILA; 1997: 52).

Nós, acadêmicos dos cursos de Licenciaturas, bem como os estudantes dos cursos de Pedagogia e demais ciências da Educação, temos diante de nós desafios inerentes à natureza do exercício do magistério. Daqui a pouco estaremos à frente de uma sala de aula, com cerca de quarenta “filhos dos outros”, com os quais precisaremos interagir a fim de *fazer* a educação deles.

Faz-se necessário então, na visão do professor Paulo Freire, que o aprendiz de educador (nós, eu e você) venha a compreender princípios ou saberes necessários à prática educativa. É preciso que nós, futuros professores, desde o princípio da vida acadêmica, nos assumindo como sujeitos também da produção do saber, reconheçamos que “ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE; 1996: 26).

Neste ínterim, é importante ressaltar ainda que *não há docência sem discência*, pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. E essa interação dialética professor-aluno, aluno-professor é que torna a prática pedagógica um desafio maior — não obstante muito mais prazeroso —, e criará laços de amizade e respeito mui favoráveis ao processo ensino-aprendizagem.

Desejamos que a nossa prática educacional desperte os alunos e os direcione para caminhos mais solidários e democráticos em sua relação com a sociedade, que percebemos injusta na distribuição desigual dos benefícios sociais devido ao processo de produção desses bens nos moldes do capitalismo. Queremos, entretanto, que o aluno compreenda o mundo em que vive e se proponha, como *cidadão*, a mudá-lo na busca de condições de vida plena para todos. Por isso, não nos interessa o sistema de transmissão-assimilação de verdades acabadas, que forma sujeitos individualistas, alienados, a serviço da continuidade da atual estrutura social. O modelo tecnicista não serve, portanto, aos nossos propósitos, pois na nossa visão, ensinar exige de nós a convicção de que a mudança é possível. Como declara FREIRE (1996: 87),

“É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.”

Uma outra questão não menos séria do que esta é a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática de ensinar, que deve acontecer desde os cursos de formação permanente de professores. Uma prática docente crítica envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o *fazer* e o *pensar sobre o fazer*. Por isso é fundamental que, na prática do formação docente, o aprendiz de educador assuma que o raciocínio correto e crítico tem que ser produzido pelo próprio aluno em comunhão com o professor formador. No entanto, o professor Ezequiel Theodoro da Silva, da Unicamp, em suas reflexões, questiona e afirma o que se segue:

“Agora pergunto: Quantos são os professores brasileiros que, ao iniciarem-se no magistério, efetivamente sabem o que e como ensinar? Quantos são concretamente preparados para analisar as conseqüências de suas opções e do seu trabalho numa escola? Quantos têm uma vivência com crianças reais, historicamente situadas? Eu diria que poucos, muito poucos... devido ao caráter excessivamente teórico e livresco dos nossos cursos de preparação e formação de professores.” SILVA (1991:54,55)

É obvio que, tão necessário é, ainda, que o professor possua conhecimento prévio da matéria que se propõe a ensinar. Não que esse conhecimento sirva de desculpa ao autoritarismo ou como motivo para aulas expositivas, dogmáticas e unidirecionais (o que seria um retrocesso), antes deve ser apenas um ponto de partida a ser enriquecido com o trabalho com os alunos, como um pré-requisito que dará direção e organicidade ao processo de ensino.

Ensinar exige também respeito aos saberes dos educandos — saberes estes socialmente construídos na prática comunitária —, cujas experiências podem ser aproveitadas para discutir a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo esteja sendo ministrado, estabelecendo uma necessária *intimidade* entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a vivência social que eles têm enquanto indivíduos.

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; ensinar exige que caia por terra qualquer resquício do velho e desgraçado ditado — *“faça o que eu digo mas não faça o que eu faço”* —, pois aquilo que o professor ensina na sala de aula ele seja o primeiro a dar o exemplo; ensinar exige criticidade e ética; ensinar exige pesquisa; ensinar exige humildade e tolerância; ensinar exige segurança do que se fala, competência profissional e generosidade; ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; ensinar exige liberdade e autoridade; ensinar exige querer bem aos educandos, e disponibilidade para o diálogo. Ensinar exige saber escutar.

Ensinar exige do professor, acima de tudo, bom senso e comprometimento. Bom senso é saber que o educador deve respeito à autonomia, à dignidade, à identidade do educando, e ser coerente com este saber na prática. Isto exige do professor uma reflexão crítica permanente sobre a sua prática, a fim de avaliar o seu próprio *fazer* com os alunos. Além disso, a prática docente é profundamente formadora, logo, ética; portanto espera-se de seus agentes seriedade e retidão.

Comprometimento é reconhecer que é impossível exercer a atividade do magistério como se nada estivesse acontecendo conosco; estamos engajados no processo. É necessário um envolvimento maior com a prática pedagógica, que vá muito mais além do que *ensinar o que me mandaram dizer*, mas também ensinar o que eles precisam saber, enquanto sujeitos situados em um determinado estágio histórico, para que assim despertem consciência política e cidadã. Ser professor é mais do que ensinar fórmulas e técnicas, é também educar, formar. Formar gente pensante, com senso crítico aguçado, capaz de perceber e combater injustiças, que não aceite passivamente os disparates de uma elite social, antes argumenta criticamente e luta por seus direitos. Esse é o desafio que temos pela frente.

Interessante se nós refletirmos um pouco sobre as qualidades de um bom professor. Necessário faz-se, num primeiro momento, detectarmos as características de um educador ruim. A maioria de nós já teve a experiência de assistir aulas com um professor incompetente, e sentimos na pele as conseqüências de sua prática de ensino ruim: certamente lembraremos que o *mau professor* costuma dissertar diariamente sobre a matéria, sem dar espaço para o diálogo; nunca utiliza uma linguagem corporal, só fala, fala, fala; critica aberta e freqüentemente o que os seus colegas fazem no âmbito da escola e da comunidade, pois desconhece completamente o significado da palavra *ética*.. Muitas outras características poderiam ser citadas, mas por agora detemo-nos nestas por achar que bastam para mostrar que tal "educador" não têm respeito pelos educandos, nem pelos colegas de trabalho, nem pelo magistério.

Como podemos então caracterizar um profissional da Educação sério e competente? Devemos considerar primeiramente que o bom professor sempre é definido em função das contradições presentes numa sociedade em determinada época. Isto significa dizer que comunidades específicas, em diferentes etapas evolutivas e frete a desafios diversos, solicitam determinadas posturas daqueles que executam o trabalho pedagógico. Posturas que levem as novas gerações a tomar consciência das contradições sociais e a lutar por sua superação.

Dentro da realidade educacional brasileira de atualmente, podemos dizer que o *bom professor* privilegia a transmissão de conteúdos culturais significativos até serem devidamente assimilados pelos alunos; busca interação com outros professores da escola na qual leciona, para que os conteúdos ganhem especificidade e aprofundamento; procura constantemente atualizar-se, além de uma dedicação maior à literatura se sua área de atuação, acompanha e inter-relaciona os dados provindos de outros campos do conhecimento, tais como história, política e economia; luta no sentido de evitar o *massacre* da repetência e da evasão escolar. Entre muitas outras qualidades que o bom professor, ciente de seu papel na sociedade, deve ter, damos maior ênfase à necessidade de o educador buscar contínua atualização, pois como declara SILVA (1991: 25),

"A atualização do professor não visará somente ao conhecimento psicopedagógico e não ao conhecimento do conteúdo específico. O professor, independente da disciplina que ensina, deverá refletir sobre os fenômenos filosóficos, políticos e econômicos. Justifica-se, dizendo que uma nova sociedade não nasce de conhecimentos que competem entre si, mas sim de uma visão da totalidade dos fenômenos sociais. Assim, deve-se buscar, (...) a atualização profissional para o exercício do magistério (...)."

Como vemos, é o conhecimento da totalidade do real que aumenta o poder de julgamento e decisão do professor. Assim sendo, a chamada "educação permanente" é fundamental para todos os indivíduos e mais fundamental ainda para os educadores.

Portanto, vemos agora que o conhecimento — o mesmo que assimilamos na universidade, o mesmo que iremos transmitir aos nossos alunos, todas as partes desse imenso universo chamado conhecimento — é produto de um enfrentamento do mundo, realizado pelo ser humano, que só faz plenamente sentido na medida em que o produzimos e o retemos como um modo de entender a realidade, que nos facilite e melhore o modo de viver, e não, pura e simplesmente, como uma forma enfadonha e desinteressante de decorar fórmulas abstratas e inúteis para a nossa vivência no mundo.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O professor e o combate à alienação imposta**. São Paulo, Cortez & Autores Associados, 1991.

BERNARD, Rosa Maria & ÁVILA, Arita Moraes d' (Orgs.). **Construção de uma escola: ousadia e prazer**. Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo, 1997.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

*antes
de tocar
o mar
ícaro
mirou-se
em si
admirou-se
e amou
o que viu
por um último
átimo de tempo
até que tudo
atômico mergulho
sumiu*

CARLOS MOREIRA